

Sete mitos amazônicos

EVARISTO E. DE MIRANDA

Um dos maiores desafios desta Campanha da Fraternidade é o de superar os mitos sobre a Amazônia, frutos de falta de informação e manipulação ideológica. Esta Quaresma é uma oportunidade para se buscar fatos e refletir à luz do Evangelho, com racionalidade, sobre os processos amazônicos.

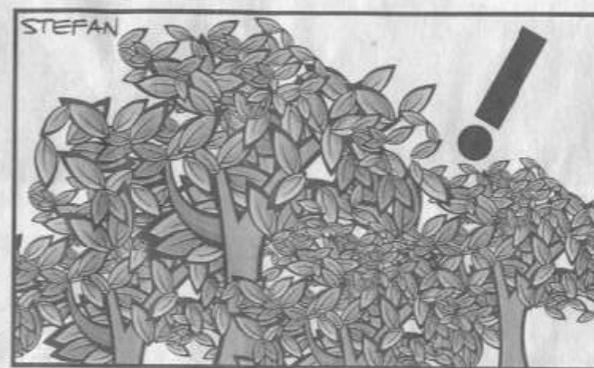
Mito 1: A Amazônia é uma grande planície, ocupada por uma imensa floresta tropical úmida. A Amazônia é uma das regiões mais diversificadas do Brasil. Ali estão as montanhas mais altas do País. Mais de 1 milhão de km² são vegetações não-florestais como cerrados, campos, lavrados e várzeas. Na área florestal existem mais de vinte fisionomias diferentes (matas de cipó, cocais, florestas de igapó, de terra firme etc.).

Mito 2: A floresta amazônica é uma dádiva da natureza, intocada e deve ser preservada em sua originalidade. Ela está sendo modificada pelo homem há mais de 10.000 anos. Os primeiros caçadores coletores contribuíram para extinção de muitos animais, como preguiças gigantes. Esse desaparecimento levou a mudanças na vegetação. O uso do fogo na caça contribuiu para aumentar os cerrados. Os castanhais do

Pará são frutos da atividade de coleta e plantio de castanheiras e não florestas "naturais", o mesmo ocorre com as florestas de bambu do Acre, associadas com o uso do fogo no Neolítico. As vegetações amazônicas são tão naturais quanto culturais.

Mito 3: A Amazônia é uma grande vazia populacional, onde vivem índios, ao lado de comunidades ribeirinhas. Sua população aproxima-se de 25 milhões e ganha 1 milhão de habitantes por ano. Mais de 70% vive em cidades com novos hábitos de consumo. A mecanização agrícola no Mato Grosso gerou vazios demográficos maiores do que os de comunidades ribeirinhas. Sua população rural é menor que a do Amazonas. E apresenta elevados índices de Desenvolvimento Humano (IDH). O PIB amazônico é um dos que mais cresce. A oferta de serviços urbanos (educação, assistência médica, comércio) está esvaziando áreas extrativistas para as cidades, cuja demanda por recursos, principalmente por saneamento, competirá cada vez mais com as áreas rurais.

Mito 4: A terra da Amazônia é fraca e não serve para agricultura. Se desmatada, vira um deserto. Depende do local. A Amazônia já responde por quase 20% da produção de grãos do País. A produtividade da soja é superior aos EUA. O Brasil voltou a exportar algodão e fortaleceu sua indústria têxtil. A base dessa agricultura é familiar, com tecnologias modernas, integra lavoura e pecuária e produz grãos com plantio direto, sem aração. Isso mantém a fertilidade dos solos. A agricultura crescerá ainda mais com a demanda da agroenergia (etanol e biodiesel), ampliando as áreas de soja, cana e dendê.



Mito 5: Grande parte das pastagens da Amazônia estão degradadas e são improdutivas. De 1990 e 2003, o crescimento anual do rebanho bovino foi 14% em Rondônia, 12,6% no Acre e 8% no Mato Grosso contra apenas 0,7% no resto do Brasil. Novas tecnologias de manejo de gado e pastagens, novas raças e o baixo preço da terra fazem a pecuária muito lucrativa, com lotações médias de mais de 1 animal/ha. Além da carne, cresce a venda de leite para cidades.

A taxa de investimentos na pecuária é 35% maior que no Centro Sul. Controle da aftosa, redução de pastagens no Sudeste (expansão da cana), demanda por carnes e melhoria da infra-estrutura ampliarão a pecuária.

Mito 6: A exploração da madeira na Amazônia é uma atividade predatória, destrói a floresta, não gera renda, nem emprego ou desenvolvimento. Entre 1998 e 2004, o consumo de toras caiu de 28,3 para 24,5 milhões de metros cúbicos. Uma economia de 950 mil árvores. O rendimento industrial cresceu de 38% para 42%. E vai aumentar ainda mais, com a madeira certificada e exploração das florestas nacionais. A ilegalidade diminuiu. Foram produzidos 10,4 milhões de m³ de madeira em 2004, em 82 pólos madeireiros (contra 72 em 1998). Isso gerou uma renda de US\$

2,3 bilhões e 380 mil empregos.

Mito 7: Latifúndio e agronegócio ameaçam a existência das comunidades tradicionais e povos indígenas. Os latifúndios, uma impossibilidade administrativa, estão sendo divididos. Áreas indígenas constroem novas relações com seu entorno e uma integração crescente com as cidades (consumo). Áreas extrativistas incorporam tecnologias e diversificam a produção. Cresce a implantação de pastagens em reservas extrativistas pelos próprios seringueiros. O desmatamento caiu pela metade. O processamento local de produtos, através de associações com empresas do agroalimentar e de cosméticos, ampliam seu valor e distribuição, em benefício das comunidades.

Lembremos o padre Antonio Vieira: "Estamos às portas da Quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Igreja, e em que ela se arma contra os vícios. (...) Veja o Céu que ainda tem na terra quem se põe da sua parte. Saiba o Inferno que ainda há na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus, e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fruto" (*Sermão da Sexagésima*).

■ Evaristo E. de Miranda é doutor em ecologia, autor do livro *Quando o Amazonas Corria para o Pacífico*, chefe da Embrapa Monitoramento por Satélite. E-mail: mir@cpm.embrapa.br